

Após o recente falecimento de *Jorge Coelho da Silva*, um dos sócios fundadores do CCCA, e em contactos do Presidente do Conselho Directivo, *Luís Filipe Ramos*, com *Fernando Miranda Barão*, também ele sócio fundador do CCCA, actualmente com 95 anos de idade, este manifestou-lhe interesse em contribuir, com as suas memórias, para o enriquecimento da história do nosso Clube.



Assim, e para esse efeito, o Conselho de Redacção do Boletim, agendou um encontro com *Fernando Barão*, no qual lhe foi proporcionada uma visita às instalações do Clube, no Parque da Praia da Saúde, que há já alguns anos deixara de frequentar, e ao qual dedicou boa parte da vida, desde a sua fundação em 1948 até ao ano de 2001. Nesta visita, realizada no dia 15 de Maio, foi evidenciada toda a evolução das condições do nosso parque nos últimos anos, com as diversas intervenções efectuadas nos edifícios da Juventude, da antiga DAMO, Multiusos, Salão de Convívio, Sala de Troféus e Biblioteca, Blocos Sanitários, etc... em que o próprio ficou admirado e até maravilhado com a actual realidade e excelência das instalações e condições gerais do parque, que ele próprio tinha sido um dos principais responsáveis pela

criação e interlocutor com as entidades que nos cederam o terreno para a sua concretização.



Após esta visita e almoço, dedicou-nos então um par de horas, em que, apesar do avançar da idade e com uma excelente memória, nos fez reviver os primórdios embrionários do Campismo de Almada, através de narrativa fluente e muito consciente.



Memórias Vivas de Fernando Miranda Barão, um dos sócios fundadores do CCCA:



"O Campismo, em Almada, começou por três indivíduos, (dois deles passaram aqui pelo Clube), que foram o Augusto Pinto Alves e o José Francisco Braizinha da Costa, e o José Anselmo Moreira, associativista da Academia Almadense, que nunca esteve filiado em nada, mas que continuou sempre a fazer campismo, dado

ser muito conhecido e ter bons relacionamentos, os proprietários de terrenos privados autorizavam-no a acampar e era acompanhado por um grupo a que chamaram "Grupo Campista Ar e Vento".

Foi assim que começou o Campismo em Almada, e depois como houve umas pessoas que eram amigas umas das outras, o grupo aumentou um pouco. Havia outros grupos campistas, delegações e núcleos até que chegou a necessidade de se oficializarem e formarem uma Federação. Os Núcleos teriam de ter até vinte campistas e teriam de se juntar a outros para dar origem aos clubes, estes teriam que ter cinquenta ou mais campistas. Assim, o Núcleo Campista de Almada, Núcleo Campista de Cacilhas e Núcleo Campista da Cova da Piedade, nos quais Alexandre Castanheira tinha muita influência, juntamente com o Núcleo de Juventude Campista de Cacilhas, ao qual eu estava ligado, e que era uma delegação do Ginásio Clube do Sul, deram os primeiros passos no sentido da criação de um Clube de Campismo abrangente ao Concelho de Almada, em que inicialmente foi proposto, por estes três núcleos, o nome de Clube de Campismo de Almada, mas que por sugestão do Núcleo de Juventude Campista de Cacilhas, foi acrescentada a palavra Concelho, ficando oficializado o nome Clube de Campismo do Concelho de Almada."

"No início da década de 60, tínhamos o Clube mas não dispunhamos de um parque onde acampar, foi quando o Manuel Ourique, através dos seus conhecimentos e incansável procura de apoios para o nosso Clube, conseguiu que o Xavier de Lima, grande empresário e dono de muitos terrenos em toda a margem sul, nos emprestasse um terreno com cerca de 5000 m², que apesar de ter sido urbanizado e dividido em lotes, ainda não tinha sido vendido. Enquanto tal não aconteceu, pudemos utilizar, durante cerca de três anos esse

local, que se chamava Casal do Sapo, e que tinha uma construção a que chamávamos Casa Abrigo. Neste espaço havia um poço, com água potável e tínhamos seis beliches em cada um dos dois quartos, um para homens e outro para mulheres, dando assim para 12 pessoas pernoitarem. Quando o tempo estava de feição, montávamos as tendas por ali e organizávamos diversas actividades desportivas, lançamento do peso, etc."

Continuando a sua narrativa:

"Após a criação do Clube, a mim metia-me pruridos de pele, um clube de Lisboa ter um parque de campismo em Almada (Costa de Caparica) e um clube de campismo de Almada não ter um parque de campismo, (e eu adorava ir para o parque de campismo do CCL) e então começámo-nos a bater com a Câmara Municipal, para ver se nos arranjava terrenos. Nós queríamos uns terrenos a norte da Costa de Caparica, mas os que havia já não estavam disponíveis, pelo que não largava o Presidente da Câmara, que era o Dr. Glória Pacheco, que já me conhecia de ginjeira por pedidos anteriores (para um posto náutico e um gimnodesportivo para o Ginásio Clube do Sul), até que um dia, chamou-nos lá e deu-nos luz verde para consultarmos o serviço cartográfico da Câmara e ver, nos mapas, terrenos não urbanizados que estariam disponíveis e para tentarmos descobrir algum que nos pudesse ser cedido pela Câmara, para fazermos um parque de campismo. Foi onde eu e o Jorge Coelho da Silva, numa sala do 2º andar da Câmara, começámos a folhear mapas e localizámos o início de uns terrenos livres, a seguir ao campo da bola, que eram parte da "Mata dos Medos", mas que eram um emaranhado de acácias. Teria que ser ali, seria um árduo trabalho, mas seria ali. Quando dissemos ao Presidente da Câmara que tínhamos encontrado esse terreno, logo ele nos disse que a cedência desses terrenos teria de ser conseguida na Direcção Geral das Florestas, e que seria bastante difícil conseguirmos alguma coisa daí. No entanto, eu logo adiantei: Mas é o Engenheiro Vasco Lupi que manda nisso, não é? Ele é meu colega nos Rotários, e tenho muita confiança com ele. O Dr. Glória Pacheco então disse que isso era lá connosco e com ele, que a Câmara não teria nada a ver com isso, ao que lhe disse que a Câmara também tinha que dar o seu aval.

Então lá fui falar com o Engº Vasco Lupi expor-lhe a nossa pretensão sobre o acacial que se localizava a sul do campo da bola. Ainda me disse que esses terrenos eram um emaranhado de acácias, de muito difícil limpeza e muito mau para as alergias. Respondi-lhe que não estávamos a pedir que nos limpassem o terreno, mas sim apenas a cedência de um terreno, com uma área que servisse para um parque de campismo. Após alguma resistência lá

nos disse que ia apresentar o assunto ao Serviço das Matas. Ainda lhe disse que ele teria de referir que o pessoal de Almada estava muito transtornado, por não haver um parque em Almada, para um clube de Almada. Como me encontrava todas as semanas com ele, ia sempre insistindo no assunto, até que lá saiu a autorização para a construção do nosso Parque de Campismo."

As recordações continuam a surgir em catadupa a Fernando Barão, que nos vai relatando:

"O desbravar daquela mata, deu mesmo muito trabalho. Vínhamos em grupos, trazíamos um farnel ou fazíamos umas assadas e trabalhava-se o dia todo a limpar o terreno, que aos poucos, e com muito esforço dos associados, se foi transformando. Construíram-se as vedações. Sem dinheiro, recorríamos aos donativos dos sócios, que além da força de trabalho, muitos ainda contribuíam com materiais e ferramentas. O Manuel Ourique, que foi um grande baluarte na construção do parque, conhecia o Manuel de Oliveira que entrou para sócio, e tinha uma estância de madeiras. Logo começou a fazer trabalhos no parque, mas nunca nos levava dinheiro, pelo que também ele deve figurar, na história do Clube, como um grande obreiro do parque.

As coisas foram evoluindo e com o passar do tempo, começou a entrar bastante gente para o Clube, o que rapidamente esgotou o espaço disponível para acampar no parque e que nos levou a equacionar a hipótese de duplicar aquela área. Seria o ideal, mas que para mim, que tinha passado por aquela azáfama toda, era uma coisa irreal. Achava complicado o Eng.º Vasco Lupi, dar a informação e o seu "agreement" aos seus superiores para nova cedência de terrenos .

O Nuno Álvares Pereira, que era director dos serviços de informação, no Banco Nacional Ultramarino, começou a congeminar ideias para aumentar o parque para o dobro do tamanho e marcou uma audiência com o Dr. Alexandre Vaz Pinto, ainda director no Banco Nacional Ultramarino, mas que ia sair do Banco e entrar para o Governo, como Ministro.

O Dr. Alexandre Vaz Pinto, já no seu Ministério, certamente que intercedeu a nosso favor, a nível do Governo e da Direcção Geral das Florestas, onde estava o Eng.º Vasco Lupi e o certo é que a cedência do segundo terreno, lá se concretizou, o que veio a permitir a expansão do parque.

Os parques funcionaram assim, foram evoluindo. Mas agora, para mim, foi uma autêntica surpresa. Ver as condições, e não é só de imaginação e inovação, é também na qualidade que eu vejo nas

coisas que aqui estão montadas, o modernismo de tudo isto. Fiquei encantado. Não sonhava, nem 50% do que está agora aqui em relação à última vez que por aqui andei.

Bem, o Clube de Campismo do Concelho de Almada, a exemplo de todos os outros, tinha que fazer "Fogos de Campo" mas não tínhamos um único campista que soubesse tocar viola, isto na altura. Agora têm variedades de toda a maneira, noites de fados, etc. que eu penso: - o que isto era e o que isto é!

Nos fogos de campo, os companheiros gostavam de ouvir anedotas e larachas, mas nós inserimos também uma componente cultural, através da apresentação de pequenas peças de teatro e apontamentos de obras literárias.

Uma vez estava a assistir ao fogo de campo no CCL, onde foi cantado o São João, a duas vezes, pelo Américo Barata e a sua esposa, que faziam parte do Coro do Lopes Graça, e vim a saber que eles tinham entrado para sócios do Almada, por intermédio do Nuno Pereira, então começaram a actuar nos nossos Fogos de Campo e posteriormente formou-se o nosso Grupo Coral.

A situação evoluiu ao ponto de sermos convidados, pela Federação, para organizar os Fogos de Campo nos Acampamentos Regionais e Nacionais."

Fernando Miranda Barão nasceu em Cacilhas - Concelho de Almada - a 2 de Janeiro de 1924.

Dedicou a maior parte da sua vida ao Movimento Associativo, tendo ocupado os mais diversos cargos no Ginásio Clube do Sul, na Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, na Federação Portuguesa de Campismo, nos Bombeiros Voluntários de Cacilhas, na Associação de Comerciantes do Concelho de Almada, na Sociedade Cultural de Artes e Letras de Almada, no Farol - Associação de Cidadania de Cacilhas, e no Clube de Campismo do Concelho de Almada, do qual foi sócio fundador e Dirigente durante largos anos, tendo ocupado diversos cargos: Presidente da MAG, Presidente da Direcção e Director do Boletim.

Em 1970/71 fez parte da Comissão Administrativa da C.M. Almada e de 1974 a 1986, foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Almada.

Foi colaborador da Gazeta do Sul, Jornal de Almas, Praia do Sol, Fogo e Paz, Imagens Piedenses, Ondearte, Margem Sul da Rádio Renascença e Parodiantes de Lisboa.

Foi Director dos Boletins Informativos "Fogo de Campo", "Ginásio", "O Incrível", "Scala" e "Pharol".

Amante de fotografia, foi premiado em vários salões fotográficos.

Pertenceu à Comissão Instaladora da Junta de Freguesia de Cacilhas, e fez parte do seu primeiro executivo, tendo sido ainda Presidente da Assembleia de Freguesia.